



CLAUDIA ANDUJAR

Visão Yanomami

INAUGURAÇÃO

11 fevereiro 2017 > 17h

EXPOSIÇÃO: 11 fevereiro > 15 abril 2017

rua da Palma, 246



Capital
Ibero-americana
de Cultura
**LISBOA
2017**
PASSADO E PRESENTE



arquivomunicipal de lisboa
fotográfico

INFOTIM

CLAUDIA ANDUJAR

Claudia Andujar nasceu com o nome de Claudine Haas em Neuchâtel, na Suíça, a 12 de junho de 1931. Filha de mãe suíça protestante e de pai judeu húngaro, cresceu em Oradea, na Transilvânia, onde viveu até os 13 anos. Após a família do pai ser levada para campos de concentração nazis, fugiu com a mãe para a Suíça, onde viveu por três anos, até mudar-se para Nova Iorque onde começou a interessar-se pelas artes. Em 1955, mudou-se para São Paulo, onde se encontrará com a mãe. Na chegada ao Brasil, Andujar começa a fotografar “como forma de se comunicar”, registando comunidades caiçaras no litoral paulista e viajando por outros lugares do país. Nos sessenta, dedicou-se ao fotojornalismo e voltou várias vezes a Nova Iorque, onde se familiarizou com o universo da fotografia artística e fez as suas primeiras exposições. A partir de 1972, iniciou o seu trabalho fotográfico junto aos Yanomami, pesquisando na documentação a vida tradicional destes índios. Em 1978, um ano após ter sido expulsa da área indígena pela Funai, criou a Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), trabalho que resultou na demarcação e homologação da Terra Indígena Yanomami e Ye'kuana, em 1992. Desde o final dos anos 1980, Andujar faz exposições em que revisita o seu arquivo fotográfico, utilizando as suas imagens com o objetivo primordial de lutar pelo direito dos Yanomami à sua terra e identidade cultural.

CLAUDIA ANDUJAR_VISÃO INDÍGENA

Muitas razões levaram Claudia Andujar à Amazônia – o seu interesse pelos povos indígenas vem desde os anos 1950 e 1960, quando fotografou os Carajá, os Bororo e os Kayapó Xikrin, no Brasil Central. Em 1970, quando foi escolhida pela revista “Realidade” para participar num número sobre a Amazônia, tem o seu primeiro contacto com os Yanomami. Essa incursão também a leva a diferentes partes do território, criando um corpo de obra, sobre natureza, ainda hoje pouco conhecido.

Os retratos presentes nesta exposição foram feitos na região do rio Catrimani (Wakata-ú) onde, em diferentes aldeias, Claudia Andujar passou as suas mais longas temporadas vivendo com os Yanomami. Um dos resultados desta imersão foi o aprofundamento da prática retratística, um dos principais aspetos de toda a sua obra. Para falar num método, é preciso entender que a longa permanência entre os Yanomami é a condição *sine qua non* do trabalho. Neste sentido, desfaz-se a separação rígida entre fotos posadas e instantâneos, já que a artista buscava uma forma de comunicação em que sua presença fosse incorporada pelo outro. Assim, em seu vasto espólio, há desde retratos feitos durante o transe xamânico até um conjunto de ações que o fotografado desempenha para a câmara. A busca é por aquilo que é pessoal em cada retratado, incluindo rosto e corpo, mas também ornamentos que conferem personalidade na construção do indivíduo. Relembrando hoje o momento de feitura desses

retratos, Andujar diz «Essencialmente eu procurava penetrar e entender o pensamento da pessoa. E consegui encontrar o que procurava. O olhar, sem dúvida, é importante para mim. Ele é uma forma de se comunicar com o outro, mas pode ser também um gesto, o que leva a este momento em que se sente que está em comunicação íntima com as pessoas. Uma ideia de beleza também me interessava – acho os Yanomami muito bonitos. Tivemos um calor humano entre nós. Mas isso levou tempo. E quando falo de tempo estou me referindo a anos.»

Em 1971, Claudia Andujar abandona a carreira de fotojornalista para se dedicar a um projeto autoral de grande escala. Inicia a elaboração de um longo ensaio sobre os Yanomami, que dura até 1977, com sua expulsão da área indígena e enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Para a artista, tratava-se de fazer um registo para a posteridade de uma população de contacto recente, colocada em risco por planos acelerados de penetração do território Amazónico por parte do governo militar. Yanomami é um etnónimo (nome dado a um povo) adotado por antropólogos, que quer dizer ser humano em oposição a napëpë, que significa estrangeiros. O aprendizado da cultura indígena é fundamental no trabalho de Andujar e isso está patente nesta exposição, através de algumas imagens da vida na casa comunitária (shabono) e muitas delas registam o reahu, uma grande cerimónia que envolve várias comunidades, ingestão do alucinógeno yakoana, danças, abraços, transes. As fotografias procuram transmitir essa aprendizagem por meio do uso da luz, que simboliza o mundo dos espíritos (xapiripë) evocados pelos xamãs.

Num período de pouco menos de dez anos, Andujar fez uma longa imersão na cultura Yanomami e integrou-se no ativismo pelos seus direitos, com a criação da CCPY – Comissão Pró-Yanomami. Como referido, publicou em várias revistas da época, tais como o número especial Amazônia da revista “Realidade”, publicado em 1971, cuja reportagem de capa são as primeiras fotografias feitas na aldeia do Maturacá. O livro “Amazônia”, parceria com o fotógrafo George Love e publicado em 1978, é um mergulho pelas paisagens da Amazônia e tem imagens feitas pela artista, na região do rio Catrimani. E do mesmo ano são “Yanomami” e “Mitopoemas Yãnomam”, este em parceria com o missionário Carlo Zacchini, que retratam em fotografias e desenhos indígenas a cultura deste povo. Outra publicação importante na carreira de Andujar é “Genocídio do Yanomami: Morte do Brasil”, publicado pela CCPY, para acompanhar a exposição homónima que aconteceu no MASP, em São Paulo, em 1989, no auge da campanha pela demarcação da terra indígena.

Entre 1981 e 1983, Claudia Andujar produziu uma série de retratos – Marcados -, feitos em circunstâncias muito diferentes daqueles nos anos 1970. Como parte do trabalho da CCPY, criou um grupo com a participação de médicos da Escola Paulista de Medicina, que percorreu quase a totalidade do território Yanomami com o objetivo de entender a situação de saúde daquelas populações. Andujar tinha como tarefa a recolha de informações, identificar e retratar cada um dos pacientes atendidos. Como os Yanomami não têm por cultura o uso de nomes próprios usava a técnica de identificação “marcando-os” com números. Os dados levantados serviram de base para o Relatório Yanomami (1982), documento fundamental para a demarcação da Terra Indígena, que continua a ser uma questão de grande atualidade no Brasil. Muitos anos depois, Andujar resolveu editar essas imagens como uma vasta série de retratos, agrupados por regiões. Para ela, este trabalho, talvez a sua mais importante série em torno dos conflitos causados pelo contacto, relaciona-se diretamente com sua biografia e a experiência com os estigmas racistas, que viveu durante a perseguição dos nazistas a seus familiares na Transilvânia. «Os judeus eram marcados com a estrela de Davi para morrer. Eu estava marcando os Yanomami para que eles sobrevivessem», conta Andujar.

Curadoria Instituto Inhotim

Rua da Palma, 246

segunda a sábado, das 10h às 19h_tel. 218 844 060

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

<https://www.facebook.com/arquivo.mun.lisboa>